



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS
2025



A Fonoaudiologia e Linguagem no Transtorno do Espectro Autista





FICHA TÉCNICA

AUTORES

Maria Marcela Santana de Oliveira

Myrelle Ferreira Soares

Nathália Beatriz Alexandre Vitor

Nathalia Pinheiro Gomes

ORIENTAÇÃO

Amanda da Cunha Lima

Mére Lander Moura Lins

REVISÃO DE TEXTO

Amanda da Cunha Lima

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Myrelle Ferreira Soares

Maria Marcela Santana de Oliveira

DESING

Canva (2025)





APRESENTAÇÃO



O presente material foi elaborado com o objetivo de informar e orientar pais, responsáveis, pedagogos, educadores e profissionais da Fonoaudiologia sobre as especificidades da linguagem no Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo uma abordagem clara, acessível e baseada em evidências.

Este EBOOK foi criado por estagiárias em Fonoaudiologia como produto final do Estágio Obrigatório Supervisionado (ESO - Saúde Coletiva), supervisionado pela fga. Amanda da Cunha Lima e orientado pela fga. Mére Lander Moura Lins.

Esperamos que este material possa servir como um guia valioso na promoção do desenvolvimento e da inclusão dessas crianças, contribuindo para uma atuação mais consciente, empática e eficaz.

Agradecemos a todos que contribuíram para a realização deste projeto e desejamos uma excelente leitura!

MÊS DE CONSCIÊNCIA
SOBRE O AUTISMO

ABRIL
AZUL





SOBRE AS AUTORAS



Maria Marcela Santana de Oliveira

Técnica em Agroindústria pelo Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici em 2017. Graduanda em Fonoaudiologia no sétimo período pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Membro da Liga Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia (LIGG), (2023-2024), membro da Liga Interdisciplinar de Assistência a Pessoa com Deficiência (LIAPD), (2023-2024), membro da diretoria de Marketing do projeto de extensão Acolhimento Básico da Comunidade na Saúde (2023), e monitora de Bases do Desenvolvimento Humano I (2024.1). Extensionista no Projeto (R)Existir (2024), membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI - UNCISAL), (2024). Monitora de Pesquisa em Saúde II (2024.2). Atualmente: Estagiária de Fonoaudiologia, bolsista de Iniciação Científica PIBIC - CNPq (2024-2025) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação Humana e seus Distúrbios, Tecnologia e Evidências em Saúde (Gpech). Formação complementar em Relações Étnico-Raciais na promoção de Bancas de Heteroidentificação na Universidade Pública.

Curriclo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4919574712520196>



@fonomarcelasantana

Myrelle Ferreira Soares

Graduanda do 7º período do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Monitora da disciplina de Bases do Desenvolvimento Humano I (2023.1). Monitora da disciplina de Pesquisa em Saúde I (2023.2). Membro do Projeto de Extensão Jovem Doutor (UNCISAL - 2023). Membro da Liga interdisciplinar de Neonatologia - Lineo da UNCISAL (2022-2023). Secretária do Projeto de extensão Lugar de Desenvolvimento e Integração (LUDI) da UNCISAL (2023). Atualmente: Membro da Coordenação de Comunicação do Diretório Acadêmico de Fonoaudiologia 2023-2024 (DA: Nossa Voz - UNCISAL), Secretária da Liga interdisciplinar de geriatria e gerontologia (Ligg) da Uncisal. Diretora Financeira da Liga Interdisciplinar de Oncologia (Lion - UNCISAL). Coordenadora de gestão do Programa de Integrantes da Unidade de Palhaçoterapia Intensiva (lupi - UFAL). Monitora da disciplina anual Bases do Desenvolvimento Humano II (2024) e monitora voluntária da disciplina de Genética aplicada à Fonoaudiologia (2024.2). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) - Ciclo 2023/2024. Formação complementar em comunicação efetiva com deficientes auditivos e surdos na Atenção Primária à Saúde.

Curriclo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6873605488102453>



@fgamyrellesoares

SOBRE AS AUTORAS



Nathália Beatriz Alexandre Vitor

Estudante do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Monitora da disciplina Processo de Trabalho em Fonoaudiologia I (2024). Membro da Liga Interdisciplinar de Neonatologia - Lineo da UNCISAL (2022-2023). Membro do Projeto de extensão Lugar de Desenvolvimento e Integração (LUDI) da UNCISAL (2024). Membro do Projeto de extensão ProVoz da Uncisal (2025). Formação complementar em Cuidados ao Nascimento. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) - Ciclo 2024/2025. Interesse nas áreas de Audiologia Clínica e Linguagem.

Curriclo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4919574712520196>



@nathaliaalexandre_

Nathalia Pinheiro Gomes

Pós graduanda em musicoterapia pela Faculdade do Centro - Oeste Paulista - FACOP (2025) e acadêmica em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL (2025). Membro do grupo de pesquisa ELUN (Estudos em Linguagem UNCISAL, 2021 - 2024) e do Projeto extensionista Carrossel (2022). Com formação complementar em assistência ao recém-nascido, avaliação de frênulo lingual e Comunicação Alternativa Aumentativa (DHACA - Desenvolvimento das Habilidades de Comunicação no Autismo). Com interesse nas áreas do Neurodesenvolvimento e Desenvolvimento da Linguagem Infantil, Distúrbio Alimentar Pediátrico no autismo (DAP - TEA) e Musicalização Infantil.

Curriclo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2497192537323601>



@nathaliapinheiroo_



SUMÁRIO

1. AUTISMO OU TEA?	6
2. ALTERAÇÕES NA LINGUAGEM	10
3. O QUE É ECOLALIA?	14
4. COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA AUMENTATIVA (CAA)	16
5. COMO POSSO ESTIMULAR A MINHA CRIANÇA?	18



1

AUTISMO OU TEA?

O **Transtorno do Espectro Autista (TEA)** é um distúrbio do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades na comunicação, interação social e no cognitivo.

Autismo é um termo muito simplificado, o correto é Transtorno do **Espectro** Autista por ser classificado como um espectro que apresenta várias formas de manifestações.



Você sabia?

De acordo com a nova classificação do **DSM -5**, (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e **CID 11** (Classificação Internacional de Doenças) que entrou em vigor no dia 01 de janeiro de 2025, o Transtorno do Espectro autista (TEA) **não é mais classificado em leve, moderado e grave.**

A nomenclatura anterior direcionava ao entendimento de que o “Autismo” poderia ser somente e exatamente daquela forma descrita. **Como se estivéssemos separando as pessoas em “caixinhas”,** e todas na mesma caixa teriam as mesmas características, ou seja, induzia-nos a interpretar que eram iguais. O que não é verdade! Logo, houve consenso na mudança de classificação para o **Transtorno do Espectro Autista**, qualificando como **NÍVEIS DE SUPORTE** e descartando os graus.





“TEA”



A nova nomenclatura abrange características mais intrínsecas e inclusivas. Demonstrando **respeito, empatia e acolhimento** às peculiaridades de cada pessoa no espectro!



Níveis de Suporte

Primeiramente, antes de mais nada, é necessário explicar o significado da palavra “Suporte”. Para melhor compreensão.

*Sinônimo de apoio, suporte é algo, seja físico ou simbólico, que **serve como sustento ou apoio**. Os suportes, são usados para sustentar ou manter (Conceito.de, 2020).*



Perceba que mesmo apresentando um significado amplo e que pode ser direcionado a depender do contexto, a palavra permanece como sendo uma representação de sustentação e apoio. Logo, levando para o contexto presente, o suporte significa justamente **“ajuda”**. Ou seja, a **classificação de níveis de suporte no TEA, irão ajudar a identificar o quanto de ajuda - apoio a pessoa irá precisar**, de acordo com as suas necessidades específicas.

Desse modo, os termos de grau (leve, moderado e grave/severo) utilizados anteriormente não serão indicados. Pois foram considerados errôneos por induzirem uma **hierarquização das dificuldades**.



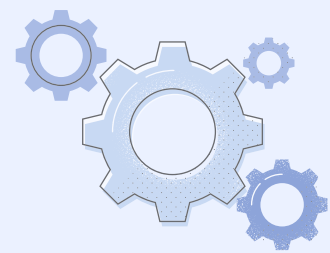
Um exemplo é, imagine que uma pessoa autista, na classificação antiga tenha um grau leve. Você acha mesmo que as suas dificuldades enfrentadas, são leves? ou que ele é menos autista? Obviamente que não!

Não é coerente considerar **um autista menos autista, ou um autista mais autista do que outro**. Existem pessoas no espectro autista com **dificuldades e facilidades de forma singular**, alguns com características bem semelhantes ao mesmo nível de suporte de outro, já outros, nem tanto. Mas cada um com os seus desafios!



De acordo com o DSM - 5

- O TEA é classificado em **três níveis de suporte**:



Variam de acordo com a intensidade das dificuldades e a necessidade de apoio.

Nível de SUPORTE 1



REQUER APOIO

- Geralmente, a pessoa apresenta **maior autonomia** nas atividades diárias;
- **Dificuldades sutis** em iniciar ou manter interações sociais, podendo parecer mais tímida ou introvertida em algumas situações;
- **Pode ter alguma dificuldade** na adaptação a mudanças ou na organização e planejamento, mas de forma menos intensa;
- **Necessita de algum suporte para questões específicas** do dia a dia, como orientação social ou suporte para organização.



Nível de SUPORTE 2



REQUER APOIO SUBSTANCIAL



- **Dificuldades mais marcantes** na comunicação verbal e não verbal, levando a prejuízos evidentes na interação social.
- **Comportamentos repetitivos e interesses restritos são mais intensos** e podem interferir na rotina, exigindo supervisão ou intervenção mais frequente.
- Precisam de suporte substancial tanto em casa, quanto em ambientes de estudo ou trabalho.
- Demandam **estratégias de ensino mais estruturadas** e acompanhamento terapêutico regular.

Nível de SUPORTE 3



REQUER APOIO MUITO SUBSTANCIAL



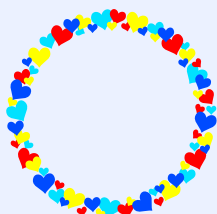
- **Enfrentam sérias dificuldades** de comunicação e interação social: muitas vezes apresentam fala limitada ou inexistente, podendo se comunicar principalmente por gestos, comunicação alternativa ou apoio visual.
- **Comportamentos repetitivos e restrições significativas** que podem impactar de forma intensa na autonomia.
- Exigem **acompanhamento multidisciplinar intensivo** e constante, com suporte 24 horas em alguns casos, pois as dificuldades podem incluir necessidades de cuidados básicos.



2

ALTERAÇÕES NA LINGUAGEM

O desenvolvimento da linguagem em crianças com TEA podem apresentar muitos desafios. Neste ebook, vamos abordar de forma simples e direta as principais dificuldades na linguagem dessas crianças e como pais, fonoaudiólogos e educadores podem ajudar no processo de comunicação.



Alterações na Linguagem em Crianças com TEA

Crianças com TEA costumam ter atrasos e **dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Essas alterações podem afetar várias áreas, como morfologia, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática, impactando tanto a compreensão quanto a expressão (Pereira et al, 2022).



O uso funcional da linguagem é frequentemente comprometido. Isso significa que a criança pode ter dificuldade em iniciar ou manter uma conversa, usar palavras ou frases repetitivas, apresentar um ritmo ou entonação diferente ao falar, conhecido como prosódia atípica, e até trocar pronomes. Além disso, muitas vezes, as crianças podem ter dificuldades em entender piadas, sarcasmo, linguagem figurada e expressões faciais ou corporais (Pereira et al, 2022).



Morfossintaxe e Semântica



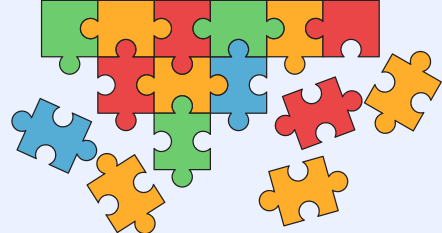
A **morfossintaxe** está relacionado à **estrutura gramatical** da língua, ou seja, como as palavras são organizadas em frases. Crianças com TEA podem ter dificuldade em usar verbos corretamente quanto ao tempo e número, trocar pronomes pessoais e não compreender palavras relacionadas a estados psicológicos ou preposições. Alguns até aprendem os pronomes, mas têm dificuldade de usá-los no contexto certo (Lima et al, 2024).

Já o contexto semântico trata do significado das palavras e frases. Crianças com TEA podem apresentar uma linguagem repetitiva, com falas padronizadas (ecolalia) ou expressões próprias, descritas posteriormente no Capítulo III. Elas podem ter dificuldade em nomear objetos e ações ou compreender substantivos e verbos, embora algumas crianças consigam fazê-lo normalmente (Lima et al, 2024).

Principais Áreas da Linguagem e Exemplos no TEA

- **Morfologia:** Trata da estrutura das palavras. No TEA, é comum que a criança tenha dificuldade em usar terminações verbais corretamente. Por exemplo, em vez de dizer "eu fui", ela pode falar "eu ir".
- **Fonologia:** Está ligada aos sons da fala. Crianças com TEA podem trocar ou omitir sons da fala, como dizer "dato" em vez de "pato".





- **Sintaxe:** Refere-se à organização das palavras nas frases. Um exemplo é a formação de frases fora da ordem, como "brincar eu quero" em vez de "eu quero brincar".
- **Semântica:** Relaciona-se ao significado das palavras. A criança pode usar palavras de forma inadequada, como chamar todas as bebidas de "água".
- **Pragmática:** É o uso social da linguagem. Crianças com TEA podem ter dificuldade em iniciar ou manter um diálogo, falar sem considerar o contexto ou fazer comentários fora de hora.

Comunicação e Interação na Escola

Muitos autistas não compreendem metáforas ou expressões que não sejam literais. Portanto, professores devem usar uma linguagem simples e direta ao dar orientações, evitando frases que possam ser interpretadas de forma ambígua. A comunicação pode ser verbal ou não verbal (Ney; Hübner, 2022).



Crianças que não falam podem usar gestos, símbolos ou dispositivos tecnológicos para se expressar, como a Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA), descrita no Capítulo IV deste ebook. Mesmo que o aluno não verbalize, é essencial estimular a fala e criar um ambiente propício para a comunicação durante as atividades escolares, sempre de maneira contextualizada e respeitosa (Ney; Hübner, 2022).



Além disso, é importante que os professores adaptem as tarefas para que sejam compreensíveis e acessíveis às crianças com TEA. Atividades lúdicas e em grupo promovem a colaboração e o contato social, ajudando a criança a se envolver com os colegas e se sentir acolhida no ambiente escolar. Estimular o desejo de realizar as atividades e de aprender também fortalece o desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação (Ney; Hübner, 2022).



A escola é um espaço essencial para promover a inclusão social das crianças com TEA, proporcionando oportunidades para interações e aprendizados coletivos. Quando a escola adota práticas que favorecem o convívio e o respeito às diferenças, contribui para o desenvolvimento social e emocional desses alunos, fortalecendo sua autoestima e suas habilidades de convivência (Ney; Hübner, 2022).



Exemplo Prático (Situação Hipotética)

Em uma escola do ensino fundamental durante uma atividade em grupo, a professora cria um projeto sobre jardinagem, dividindo os alunos em equipes mistas de gêneros e crianças neurodivergentes. As tarefas são distribuídas conforme as habilidades de cada um, promovendo a colaboração e incentivando a interação entre os colegas. Durante o projeto, as crianças aprendem a cuidar das plantas enquanto desenvolvem habilidades sociais, como compartilhar materiais e se comunicar sobre as etapas da atividade.



3

O QUE É ECOLALIA?



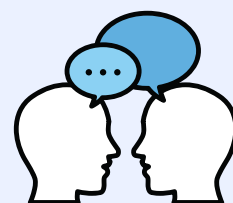
De acordo com o DSM - 5

- A ecolalia é definida como uma repetição patológica e sem significado comunicativo, classificada como um comportamento restrito e repetitivo no Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo uma repetição (eco) de palavras ou frases, que não parece ter um significado comunicativo real.

No entanto, a presença de ecolalia isolada não indica, necessariamente, uma característica do transtorno, uma vez que ela também faz parte do desenvolvimento típico da linguagem na primeira infância, ou seja, até os 3 anos é comum a criança apresentar repetição de algo que já foi dito. A diferença é que, em contextos patológicos, a ecolalia se manifesta de forma contínua e persistente.

A ecolalia é classificada em **imediate, tardia e mitigada** (Santos, 2023).

ECOLALIA IMEDIATA



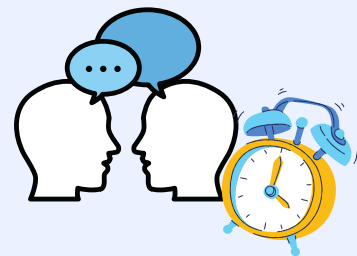
- Acontece quando a criança repete o que acabou de ouvir, segundos depois de escutar.



Por exemplo, um adulto pergunta: “Oi, tudo bom, Maria?”, e a criança responde: “Oi, tudo bom, Maria?” — repetindo exatamente o que ouviu, sem fazer alterações.



ECOLALIA TARDIA



- É quando a criança repete frases, perguntas ou trechos de falas que ouviu há um tempo maior. Isso pode acontecer minutos, horas, dias ou até meses depois de ter escutado aquela fala.
- É muito comum que essas repetições sejam de músicas, comerciais de TV, falas de vídeos, desenhos ou de interações anteriores. Ela surge de forma frequente e, muitas vezes, fora de contexto.



Como: a criança está andando e começa a falar “Vamos Bluey, hora de ir para casa” como se estivesse no desenho animado. Também ocorre imitação na entonação da voz, o que chamamos de prosódia atípica.

ECOLALIA MITIGADA

- Nesse tipo, a criança ainda repete a fala do outro, mas faz pequenas alterações de linguagem, alterando a morfologia da sentença.



Exemplo: se alguém pergunta: “Vamos para a casa da vovó?”, ela pode responder apenas “Casa da vovó, vamos?”, retirando o pronome ou ajustando a frase.

É fundamental que os pais e os profissionais entendam que a ecolalia, muitas vezes, pode ter uma função na comunicação da criança com TEA. Ela **pode ser funcional se orientada e trabalhada em conjunto com o fonoaudiólogo**, sendo utilizada para manter a interação ou pedir algo.

Por isso, nem sempre a ecolalia deve ser vista apenas como algo negativo ou que precise ser eliminado. Há formas de ampliar e enriquecer a comunicação da criança, promovendo o desenvolvimento da linguagem funcional e significativa.



4

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA AUMENTATIVA (CAA)

Dentre as possibilidades de intervenção para o desenvolvimento da comunicação funcional em crianças com TEA, está a Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA). Esse sistema oferece uma variedade de técnicas, recursos e estratégias voltados para compensar e facilitar, de maneira temporária ou permanente, a comunicação e a interação de indivíduos com dificuldades comunicativas (Montenegro, et.al, 2021)

Uma das formas de comunicação alternativa é a Pictografia, que consiste na utilização de desenhos próximos da realidade, assim como fotos. Essa representação próxima da realidade contribui para o aprendizado e a memorização. Essa forma de comunicação utiliza pranchas de comunicação alternativa (PCA), que podem ser de baixa ou alta tecnologia (Nascimento, et.al, 2021).



PCA DE BAIXA TECNOLOGIA.



PCA DE ALTA TECNOLOGIA.

Como exemplo de baixa tecnologia, as imagens que constituem a prancha estão organizadas em um papel. Já os recursos de alta tecnologia são aqueles mediados por elementos tecnológicos, como um tablet ou celular, por meio de aplicativos ou programas virtuais. A estrutura dependerá da possibilidade financeira de cada indivíduo.

O processo de comunicação por meio de pranchas consiste em apontar para as imagens de acordo com o que deseja expressar, comunicando através da combinação entre os símbolos, ou até mesmo formando palavras a partir do alfabeto, em casos de sujeitos letrados ou em processo de letramento (Avila, 2011).

Vale destacar que as pranchas de comunicação não representam o único recurso disponível para o uso de símbolos gráficos. É possível confeccionar cartões de comunicação, álbuns fotográficos e outros suportes visuais que se adaptem às necessidades e características de cada indivíduo.

Além disso, a comunicação alternativa inclui o uso de gestos manuais, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos como: fotografias, desenhos, figuras e alfabetos, assim como computadores e vocalizadores de voz sintética, como meios de efetuar a comunicação funcional (Saeshima, 2011).



Figura 3: Exemplo de PAC
Fonte: Canva (2025)



A CAA não deve ser vista como uma forma limitada de interação, restrita apenas ao ato de apontar figuras ou símbolos; pelo contrário, ela é uma importante ferramenta de estimulação da linguagem e da fala.

Ao oferecer meios acessíveis de expressão, essa abordagem amplia as possibilidades comunicativas da criança, promovendo a compreensão, a interação social e, muitas vezes, estimulando o desenvolvimento da fala oral (Bastos *et al.*, 2025). Assim, atua como um suporte que potencializa a comunicação global da criança, respeitando seu ritmo e incentivando seu progresso linguístico.



5

COMO POSSO ESTIMULAR A MINHA CRIANÇA?

O **brincar simbólico**, envolve o uso da imaginação para representar situações, objetos ou papéis do cotidiano, é fundamental para o desenvolvimento infantil, especialmente no que diz respeito à habilidade lingüísticas, cognitivas e sociais (Vygotsky; 1984). Quando a criança brinca de casinha, de médico ou de super-herói, por exemplo, ela está organizando ideias, criando enredos e atribuindo significados, promovendo o uso espontâneo e funcional da linguagem, além de estimular o cognitivo, o emocional e o linguístico.



Dessa forma, o brincar simbólico não apenas estimula a criatividade, mas também é essencial para o desenvolvimento linguístico e social da criança.

(Moura et al., 2021)

Os pais têm um papel essencial no brincar simbólico, fortalecendo o vínculo afetivo com a criança, e também direcionando a dinâmica para o funcional, sendo possível:

1. Criar um ambiente seguro para a fala, escutando com atenção, fazendo a criança se sentir confiante para falar sem medo de errar.
2. Impor limites por meio de regras nos jogos, como, por exemplo, a troca de turno, que consiste em fazer a criança entender quando é a vez do outro e quando é sua vez.
3. Desenvolver habilidades de resolução de problemas, lógica, criatividade, a autorregulação e a capacidade de tomar iniciativas



REFERÊNCIAS

1. AVILA, Barbara Gorziza. Comunicação aumentativa e alternativa para o desenvolvimento da oralidade de pessoas com autismo. 2011. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
2. BASTOS, A. C. F.; ABREU, . N. C. B.; BRITTO, D. B. de O. e. Modelos de intervenção para a promoção da linguagem de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: revisão integrativa. *Distúrbios da Comunicação*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. e69814, 2025. DOI: 10.23925/2176-2724.2025v37i1e69814. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/69814>. Acesso em: 10 maio. 2025.
3. Equipe editorial de Conceito.de. (15 de Dezembro de 2014). Atualizado em 21 de Dezembro de 2020. Suporte - O que é, conceito e definição. Conceito.de. <https://conceito.de/suporte>
4. LIMA, Leilane Júlia Chaves de; BRITTO, Denise Brandão de Oliveira e; NOGUEIRA, Gabriela Damaris Ribeiro; LEMOS, Stela Maris Aguiar. Language functioning in Autism Spectrum Disorder: a scoping review. *Revista Cefac*, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 6423-6435, jul. 2024. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216/20242626423>.
5. MONTENEGRO, A. C. DE A. et al. Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. *Audiology - Communication Research*, v. 26, 26 jul. 2021.
6. MOURA, Alanna et al. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 21, n. 1, p. 24-38, 2021.



7. NASCIMENTO, F. C. DO; CHAGAS, G. S. DAS; CHAGAS, F. S. DAS. As tecnologias assistivas como forma de comunicação alternativa para pessoas com transtorno do espectro autista. Revista Educação Pública, v. 21, n. 16, 4 maio 2021.
8. NEY, Thaís; HUBNER, Lilian Cristine. Linguagem oral e escrita no autismo - TEA: perspectivas teóricas e pedagógicas. The Specialist, [S.L.], v. 43, n. 2, p. 16, 20 set. 2022. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2318-7115.2022v43i2a2>.
9. PEREIRA, Jakciane Eduarda Araujo; SANTOS, Ariely Carla Silva; LEITE, Gabrielle Araújo; XAVIER, Ivana Arrais Lavor Navarro; MONTENEGRO, Ana Cristina Albuquerque. Habilidades comunicativas de crianças com autismo. Distúrbios da Comunicação, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 54122, 21 jun. 2022. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2724.2022v34i2e54122>.
10. SAMESHIMA, Fabiana Sayuri. Capacitação de professores no contexto de sistemas de comunicação suplementar e alternativa. 2011. 170f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011.
11. SANTOS, Rosânia Delfino dos; CARVALHO, Mariana Islene Caetano de; FILHA, Francidalma Soares Sousa Carvalho; MORAES FILHO, Iel Marciano de. O QUE É A ECOLALIA PARA O AUTISMO SEGUNDO A LITERATURA? **Nursing (São Paulo)**, [S.L.], v. 26, n. 305, p. 9993-9999, 28 nov. 2023. MPM Comunicacao. <http://dx.doi.org/10.36489/nursing.2023v26i305p9993-9999>.
12. VYGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 191 p.

Por respeito a diversidade para
ser e existir dentro do espectro autista

